

REVISTA
DO
MUSEU PAULISTA

NOVA SÉRIE — VOLUME XXXII
SÃO PAULO
1987

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INVÓLUCRO PARA CONSERVAÇÃO DE ARTEFATOS PLUMÁRIOS

Régis Leme (*)

INTRODUÇÃO

Um dos problemas mais delicados no campo da preservação dos acervos etnográficos é a conservação de objetos feitos com plumas. Material orgânico da classe das proteínas (queratina), as penas apresentam uma composição extraordinariamente complexa tanto na forma como na coloração. Os artefatos plumários, além disso, são em geral muito elaborados, consistindo quase sempre de vários materiais agregados (além das penas, ceras, resinas, fibras, ossos etc.) o que aumenta em muito a dificuldade de conservação. Particularmente no Brasil — onde a arte plumária atingiu um nível excepcional em quantidade e qualidade — a questão da preservação dos acervos etnográficos está estreitamente ligada à conservação dos artefatos plumários (tarefa, aliás, cada dia mais urgente se considerarmos que nos museus estão os últimos exemplares do que foi a mais alta expressão material de culturas já desaparecidas ou ameaçadas de extinção).

Assim como o material arqueológico, o material etnográfico admite pouquíssimas intervenções em termos de consolidação, limpeza e restauro, pois há sempre o risco de alterar ou mesmo eliminar uma evidência tecnológica significativa. Os cuidados preventivos assumem, portanto, nesse tipo de acervo um papel fundamental e, no caso das penas em particular, insubstituível.

Como a grande maioria dos artefatos coletados permanece nas reservas técnicas dos museus a maior parte do tempo, as condições de conservação oferecidas nessa situação são, naturalmente, as que mais influem na durabilidade das peças.

Os procedimentos descritos a seguir foram desenvolvidos com o objetivo de atender, em parte, a essas questões. Tem como ponto de partida a verificação de que a conservação de artefatos plumários parece depender, em grande medida de um invólucro *individual* adequado — especialmente nas condições dos museus brasileiros, onde as reservas técnicas são totalmente deficientes. Em certa medida apenas o invólucro individual garante uma manipulação cuidadosa preservando os delicados fios-guia e as plumas frágeis, diminuindo a contaminação por insetos, micro-organismos e a exposição à poeira, além de permitir uma melhor utilização do espaço disponível nas estantes e gavetas.

(*) Conservador-restaurador da Fundação Nacional Pró-memória, Vice-presidente da Assoc. Bras. Conservadores-restauradores e consultor do Museu Paulista da USP.

DESCRIÇÃO

O método de embalagem descrito a seguir, bastante simples, vem sendo utilizado pelo autor nos últimos cinco anos com bons resultados em diferentes coleções ⁽¹⁾.

Consiste, basicamente, no emprego de um suporte rígido (espuma de poliestireno ou cartão neutro) talhado de acordo com as características de cada peça combinado com um invólucro de filme transparente de polietileno ou polipropileno (ver ilustrações).

As vantagens que oferece são as seguintes:

1. *Elimina a manipulação direta dos objetos.* A maior parte dos danos apresentados pelos artefatos plumários vem da manipulação descuidada — fios-guia arrebatados, deformações nas penas e manchas de gordura são algumas das conseqüências. Através do filme transparente os pesquisadores e estudantes podem observar os artefatos — e mesmo efetuar medições — sem necessidade de desembalar ou tocar diretamente as peças.
2. *Economia de espaço nas reservas.* Como as embalagens são ajustadas ao tamanho das peças e muito leves (ainda que suficientemente resistentes) é possível um melhor aproveitamento das estantes e gavetas.
3. *Facilidade de inspeção.* É cômoda a inspeção das peças, especialmente quanto ao estado de conservação.
4. *Segurança no transporte.*
5. *Estabilidade química.* Empregando apenas materiais neutros a durabilidade dos artefatos é aumentada.
6. *Estabiliza peças frágeis.* Em muitos casos é a única solução possível para penas em avançado estado de deterioração (peças quebradiças, fortemente atacadas por insetos etc.) pois uma consolidação por impregnação não é aplicável ao material plumário.

EXECUÇÃO

Na execução dos invólucros (alguns modelos de referência são apresentados nas ilustrações) devem ser observados os seguintes pontos:

(1) Em especial nos trabalhos realizados no Museu Pigorini (Roma, 1982), para a Fundação Bienal de São Paulo — Exposição Arte Plumária no Brasil (1983) e para o Acervo Plínio Ayrosa da FFLCH-USP (1985). Este último trabalho, que envolve outros aspectos da conservação de material plumário, foi executado com apoio da FAPESP e a colaboração de Mariana Vanzolini.

1. Todo material deve ser cuidadosamente limpo antes de embalado. É preciso considerar que a limpeza desse tipo de material é tarefa especializada que exige grande cuidado. A queratina suporta uma acidez moderada mas é fortemente atacada pelos álcalis. Estudos recentes indicam que é desaconselhável o uso de hidrocarbonetos e de agentes tensio-ativos ⁽²⁾. A limpeza deve, em geral, limitar-se ao emprego de pincéis e aspiradores com a proteção de telas finas.
2. Remover, sempre que possível, as etiquetas amarradas nos fios de armação da peça (que acabam por danificá-los). A numeração deve ser feita na embalagem ou inscrita na peça (conforme indicado no croquis).
3. A peça deve ser montada sempre de forma a evitar qualquer tensão tanto nas penas quanto nos fios, armações etc. Montá-la de preferência na configuração em que é utilizada normalmente, para facilitar a leitura.
4. O suporte rígido deve proteger todas as saliências das peças, impedindo que sejam deformadas por esmagamento ou outro tipo de pressão.
5. O invólucro plástico deve ser suficientemente amplo para não deformar as plumas e uma das laterais pelo menos deve ficar aberta para permitir a ventilação.
6. Sempre que possível as peças devem ser fixadas à base indiretamente (por meio de uma travessa que prenda as armações) e não amarradas diretamente (ver croquis). É evidente que a qualidade da embalagem vai depender da escolha de um desenho adequado, bem ajustado à conformação de cada peça.
7. A opção entre o poliestireno ou o cartão para a confecção das embalagens deve ser feita em função das dimensões, do formato e do peso de cada objeto. Naturalmente quanto maiores e mais pesadas as peças maior deverá ser a espessura do poliestireno empregado. O cartão, devido à sua flexibilidade, só deve ser empregado no caso de peças leves, medindo até 30x20 cm. A utilização do cartão é recomendada especialmente na confecção de embalagem para penas isoladas guardadas para documentação da matéria-prima empregada nos artefatos (conforme croquis). O cartão, em relação ao poliestireno tem a vantagem de auxiliar no controle dos níveis de umidade no interior da embalagem devido às suas propriedades capilares. Sua desvantagem é a baixa rigidez. Um excelente resultado pode ser obtido através da associação entre os dois materiais, forrando-se a base de poliestireno, talhada na espessura

(2) Cf. *The Care of Ethnographic Collections*. Museum Association Conference, Portsmouth, 14 jul. 1979.

conveniente, com uma folha de cartão neutro. Apesar do material plumário não sofrer danos quando exposto a baixos índices de acidez, é recomendável a utilização exclusiva de cartão *neutro* uma vez que nos artefatos feitos com plumas sempre aparecem, associados, outros materiais — como cordões, resinas, dentes etc. — que exigem uma embalagem neutra.

MATERIAL NECESSÁRIO

- Chapas de espuma de poliestireno ⁽³⁾ de 0,5, 1, 2 e 3 cm conforme a necessidade (em pontos localizados, quando o desenho do suporte exigir, reforços podem ser aplicados aumentando-se a espessura através da colagem de chapas superpostas).
- Cartão neutro ⁽⁴⁾.
- Sacos e lençóis de polietileno ou polipropileno de 0,15 a 0,20 mm.
- Cola de contato para poliestireno ⁽⁵⁾.
- Cortador elétrico de poliestireno (opcional) ⁽⁶⁾.
- Cordel de polietileno (de preferência tipo “espaguete” — interior oco com diâmetro de 1,5 a 2 mm).
- Tesouras, estiletos, furadores etc.
- Esquadro, metro etc.
- Caneta de tinta permanente.

ARMAZENAGEM

A embalagens poderão ser armazenadas (de preferência horizontalmente) em estantes, armários e gavetas. Invólucros bem concebidos podem ser sobrepostos sem dano para as peças.

Finalmente é preciso enfatizar que a boa conservação das peças exige, além de um invólucro adequado, o controle das condições de iluminação, umidade e limpeza das reservas técnicas.

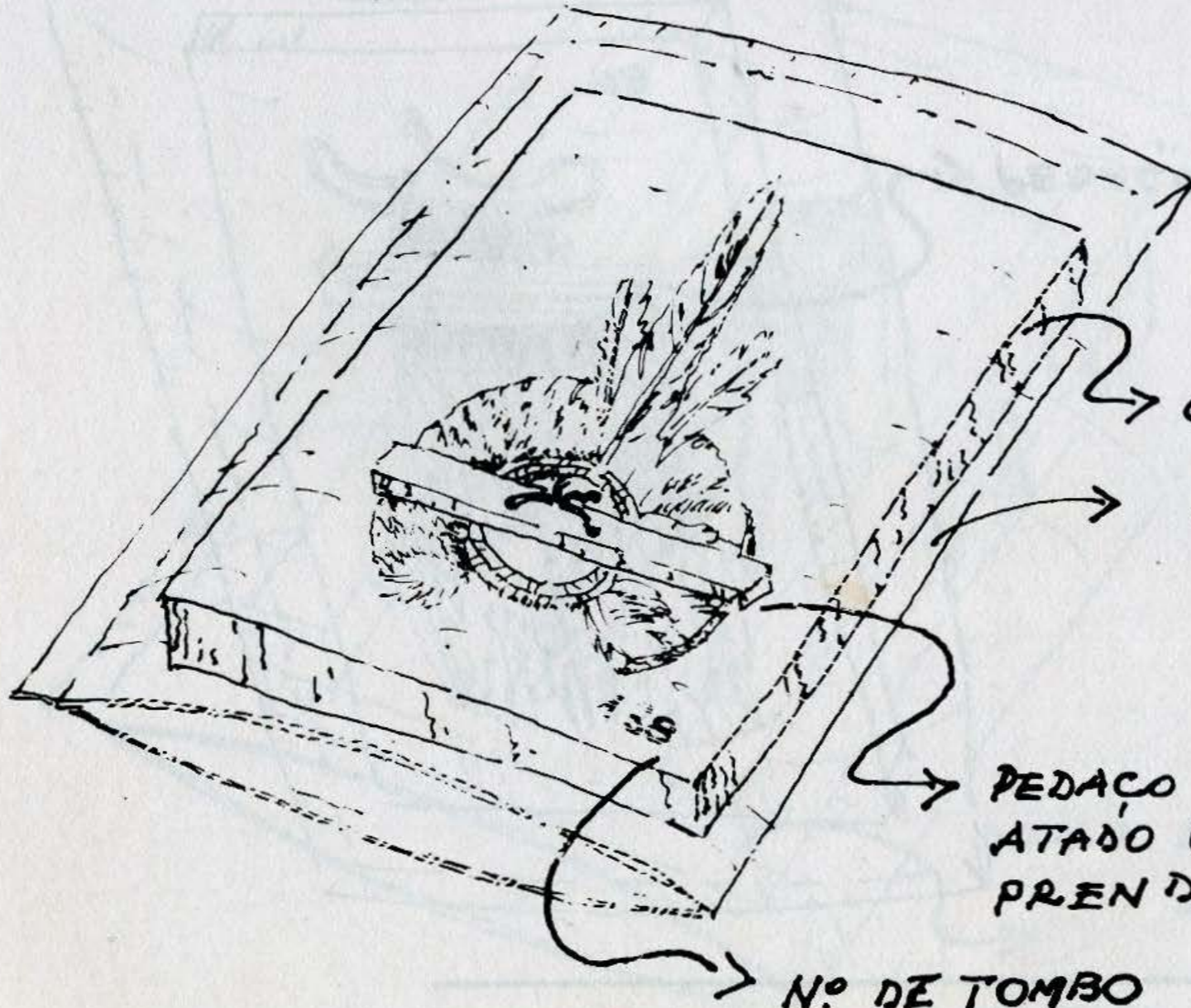
(3) Mais conhecido no Brasil pela marca comercial “isopor”.

(4) Atualmente dispomos no país de um cartão de ótima qualidade produzido por Arjomari do Brasil Com. e Ind. Ltda. sob a denominação Velin-Salto 300 g/m².

(5) Por exemplo a cola Plasticola H I 17 produzida pela Brascola Ltda.

(6) Existem vários modelos a venda nas papelarias, consistindo em um fio de liga de níquel aquecido pela corrente contínua de pilhas comuns; modelos mais resistentes e maiores podem facilmente ser construídos a um custo baixo por qualquer eletricitista.

MODELO DE EMBALAGEM PARA COROA RADIAL



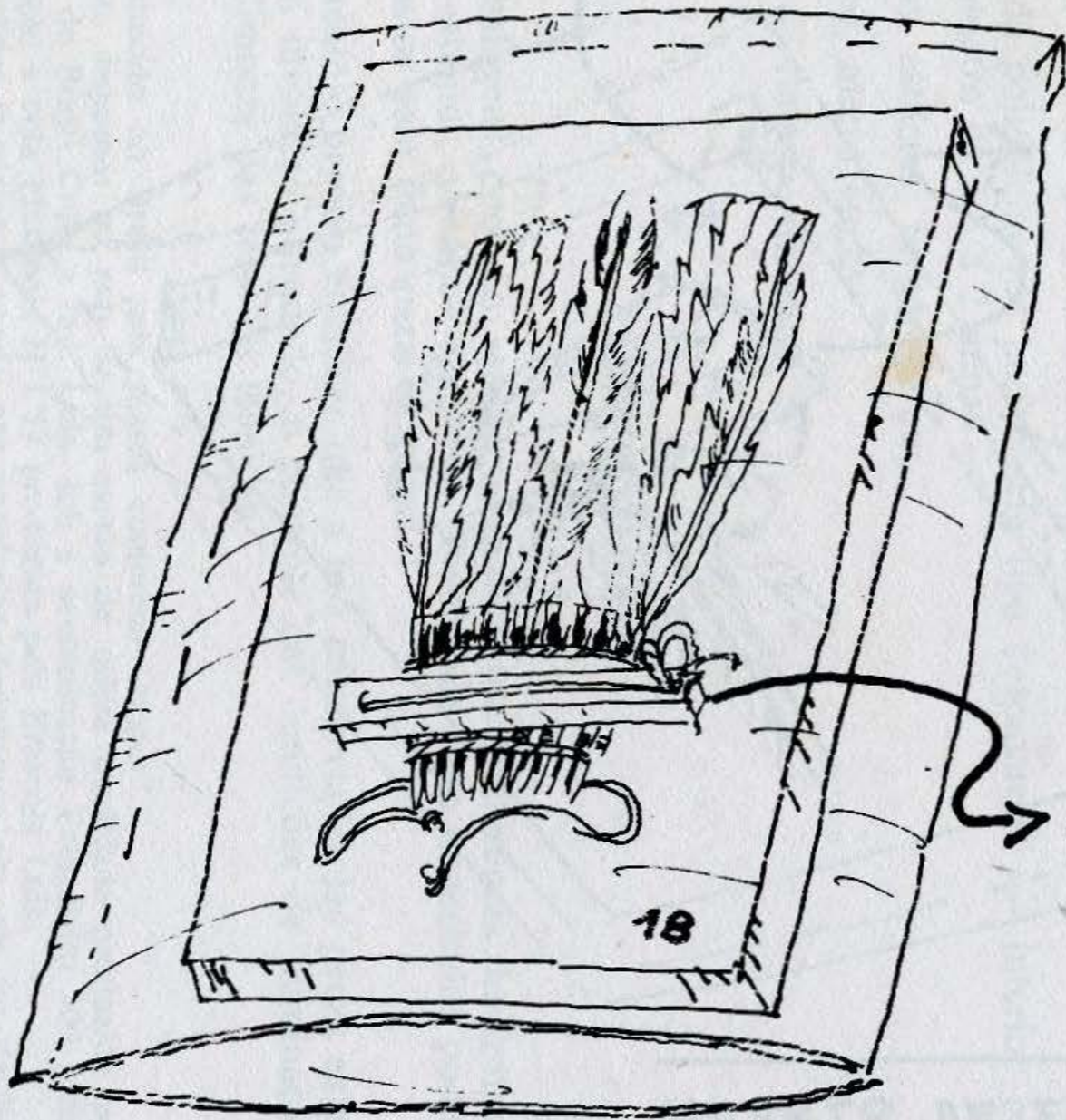
CHAPA DE POLIESTIRENO

SACO POLIETILENO
COM ABERTURA

PEDACO DE POLIESTIRENO
ATADO COM CORDEL À BASE
PRENDENDO A COROA

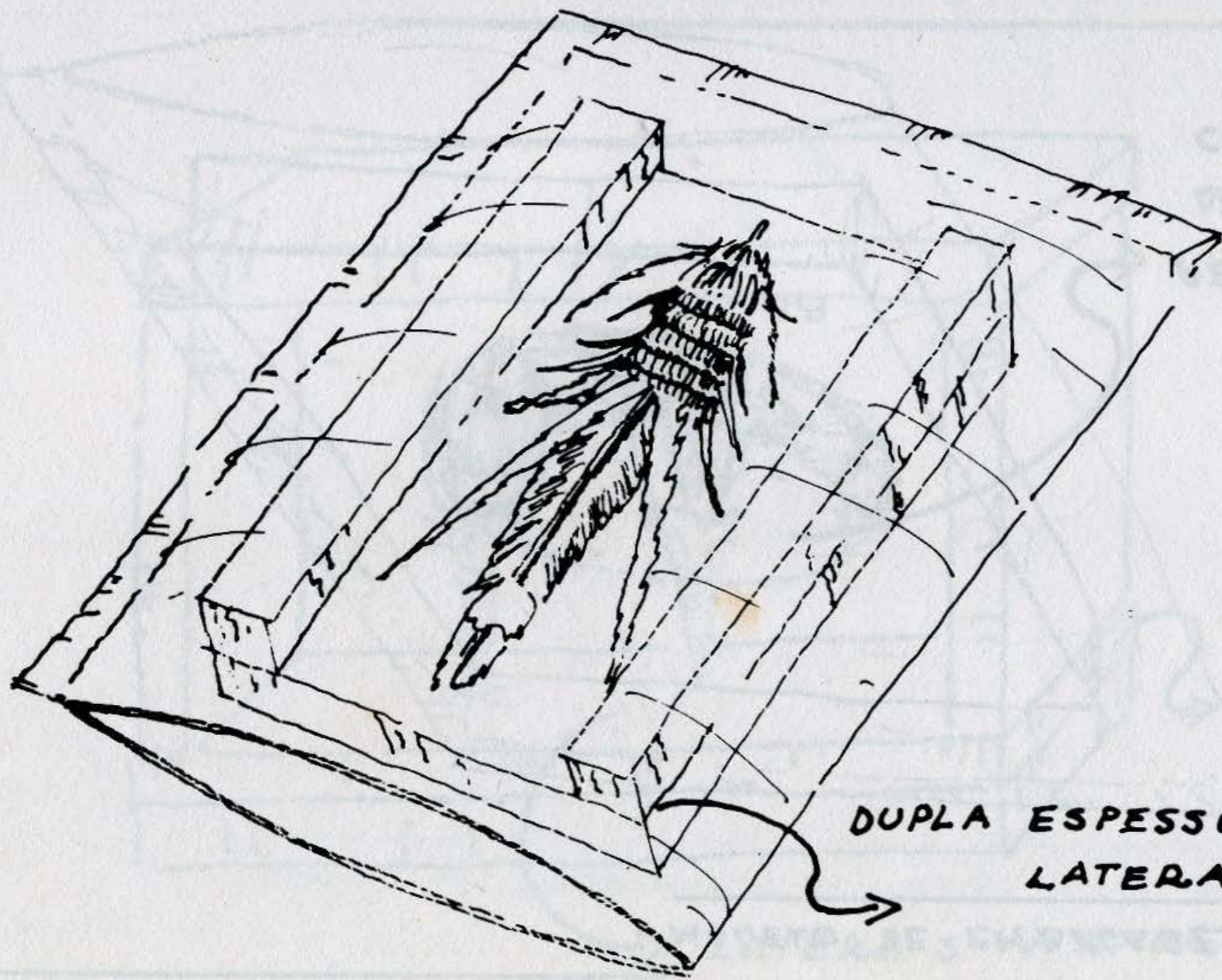
Nº DE TOMBO

MODELO DE EMBALAGEM PARA DIADEMA



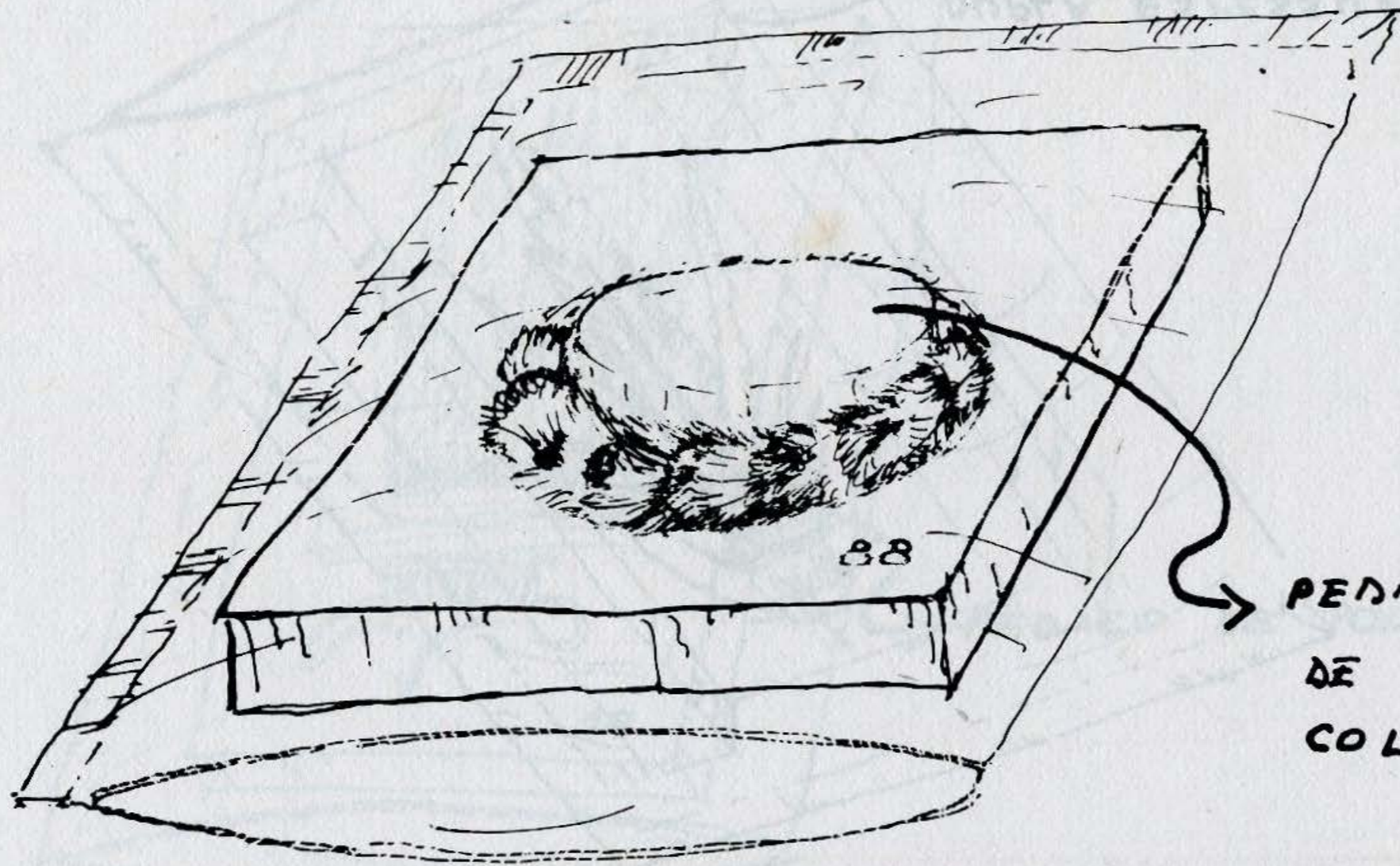
→ PEDACO DE POLIESTIRENO

MODELO DE EMBALAGEM PARA TEMBETÁ



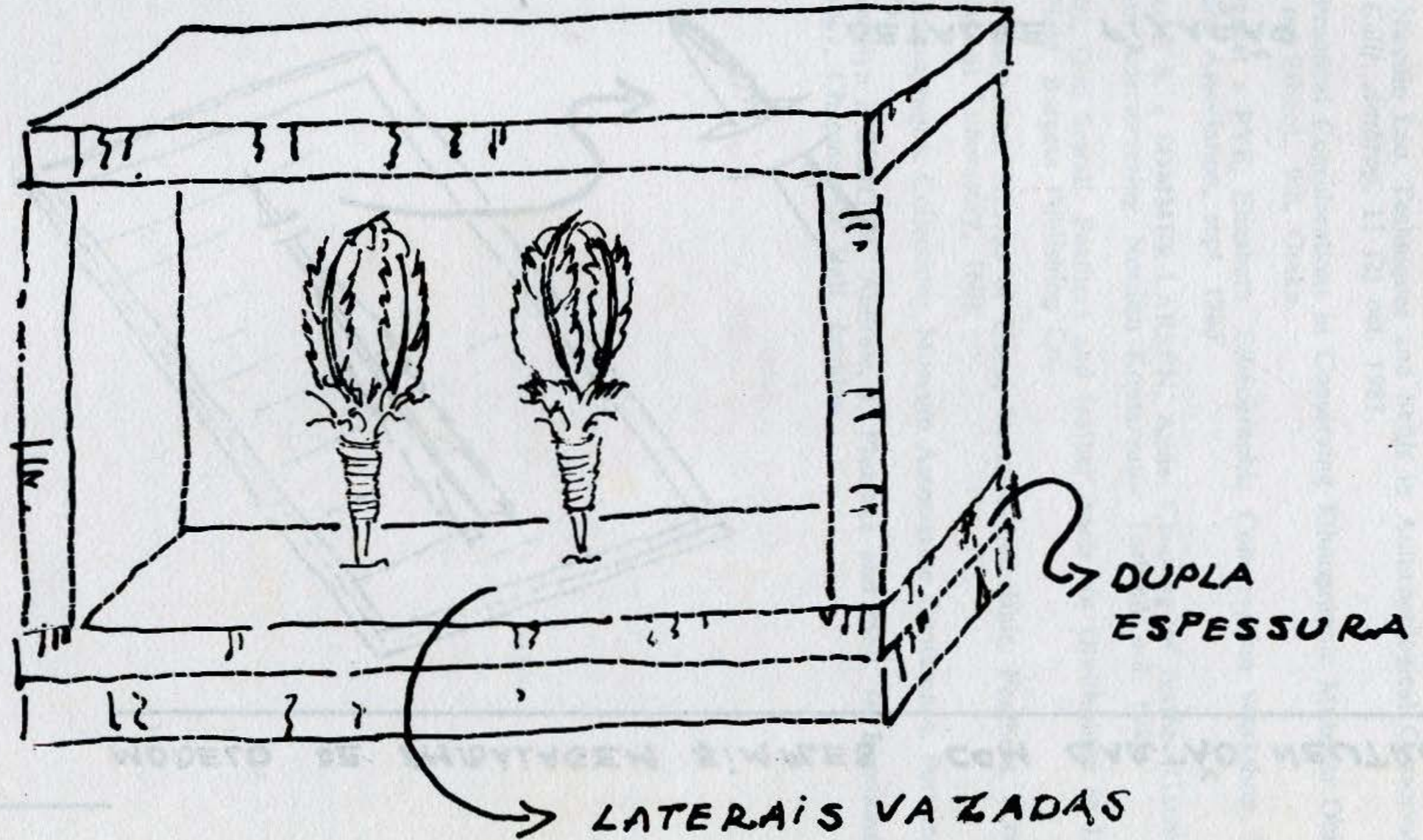
DUPLA ESPESSURA NAS
LATERAIS

MODELO DE EMBALAGEM PARA PULSEIRA

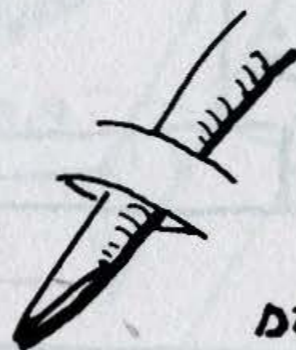
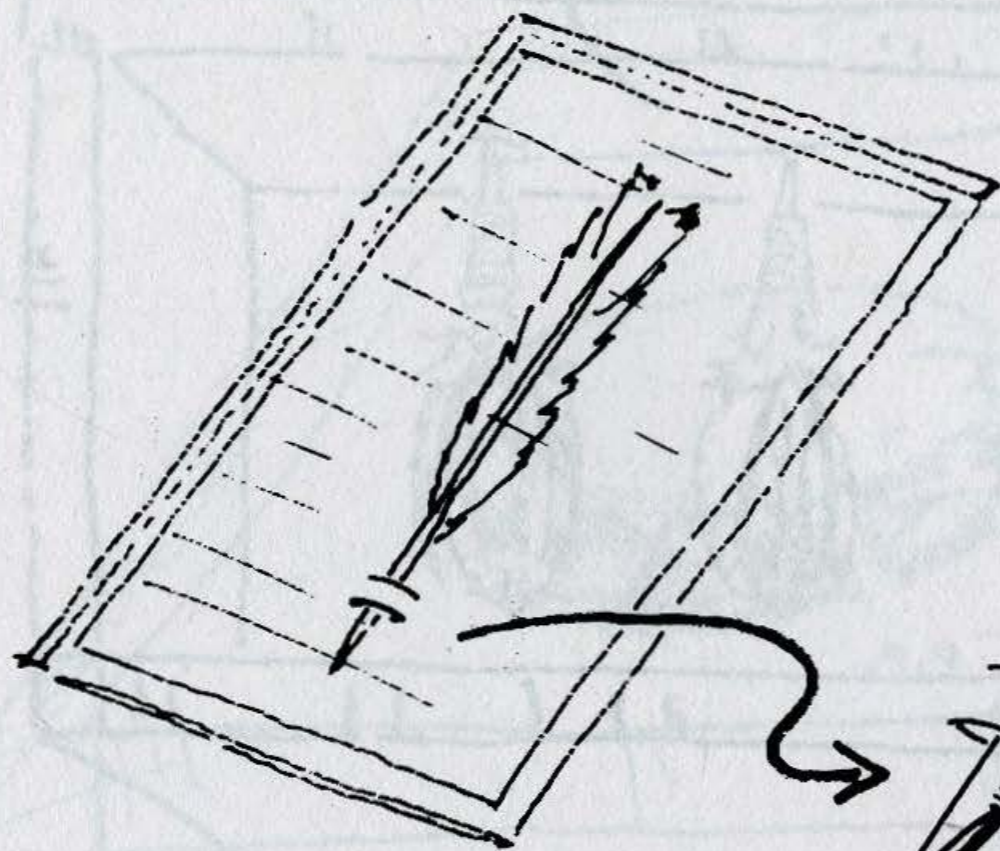


PEDACO REDONDO
DE POLIESTIRENO
COLADO À BASE

MODELO DE EMBALAGEM PARA BRINCOS



MODELO DE EMBALAGEM SIMPLES COM CARTÃO NEUTRO



DETALHE FIXAÇÃO

BIBLIOGRAFIA

- CALDARARO, Niccolo Leo. Techniques and Skills in Anthropological Conservation: an outline. *Calif. Anthropol.* 11 (2) oct. 1981.
- ETHICAL and Practical Considerations in Conserving Ethnographic Museum Objects. Int. Symp. on Ethnol., 9th, Osaka.
- MCCORD, Margaret e PYE, Elizabeth. Ethnographic Conservation Workshop. Londres, Museum Association, sept. 1985.
- PETERSEN, Karen S. e SOMMER-LARSEN, Anne. Cleaning of feather Garments. Meddleser on Koerservering. Nordish Konservator Torbind, aut. 1982.
- PETTINGILL Jr., Olin Sewall. Feathers and feather tracts. *In Ornithology in Laboratory an Field*. Burgess Publishing Co.
- SMITHSONIAN Institution. Storage of Horn, Tortoise-shel, Hair, Feathers. (Conservation Analytical Laboratory, 160).
- THE CARE of Ethnographic Collections. Museum Association Conference, Portsmouth, 14 jul. 1979.
- VAN TYNE, Josselyn e BERGER, Andrew, J. Plumage and molt. *In Fundamentals of Ornithology*. Chapman & Hall. London.